

Educação escolar transformadora influenciando a vida de professores e alunos: reflexões norteadas pelo filme “Ao mestre com carinho II”

Josiane Peres GONÇALVES¹

Resumo

Embora reconhecendo que a escola sozinha não transforma a sociedade, mas que sem ela a sociedade não se transforma, entende-se que a educação escolar é um importante mecanismo de transformação da vida das pessoas. É segundo essa perspectiva que se baseia o presente estudo que tem por objetivo refletir sobre a influência exercida pela escola na vida dos principais sujeitos do processo de ensino e aprendizagem, ou seja, professores e alunos. A reflexão é norteadada pela problemática apresentada pelo filme “Ao Mestre Com Carinho 2”, sendo inicialmente apresentadas algumas ideias gerais presentes na obra de ficção. Em seguida as análises baseiam-se nas dimensões da vida pessoal e profissional de quem atua como docente e a problemática social vivenciada pelos alunos. Conclui-se que as relações estabelecidas no contexto escolar refletem as questões sociais e podem contribuir para transformar a vida dos sujeitos que fazem parte desse processo.

Palavras-Chave: Transformação. Sociedade. Alunos. Ficção.

Abstract

While acknowledging that the school alone cannot transform society, but that without it society does not transform, it is understood that education is an important mechanism of transformation of people's lives. It is according to this perspective that the present study aims to reflect on the influence exerted by the school in the life of the main subjects of the teaching and learning process, ie, teachers and students is based. The reflection is guided by the issues presented by the movie "To Sir With Affection 2", initially presented some general ideas in the work of fiction. Then the analyzes are based on the dimensions of personal and professional life who acts as a teacher and social problems experienced by students. We conclude that the relations established in the school context reflect social issues and can help transform the lives of individuals who are part of this process.

Keywords: Transformation. Society. Students. Fiction.

¹ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Naviraí (UFMS/CPNV). Líder do Grupo de Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE). E-mail: josiane.peres@ufms.br

Introdução

A escola está inserida em um contexto histórico e social e tudo o que ocorre na sociedade é retratado pela escola através das diversas relações que ali se estabelecem. Para alguns autores como Luckesi (1990) e Saviani (2008), a escola ao longo do tempo foi entendida por alguns pensadores como redentora, por outros como reprodutora ou ainda como transformadora da sociedade e em geral não se há um consenso sobre quem está correto, mas a idéia predominante na atualidade é de que a educação formal pode transformar a sociedade. Como diz o mestre Paulo Freire (1999, p.18) “A sociedade sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

Nesse sentido, o cinema que também faz parte de uma evolução social, busca através da ficção retratar as diversas situações problemáticas existentes nas diversas culturas, inclusive no âmbito escolar. É o caso, por exemplo, dos dois filmes intitulado “Ao Mestre Com Carinho”, lançados o primeiro em 1966 e o segundo em 1996, ou seja, trinta anos mais tarde, porém abordando problemáticas semelhantes, evidenciando que a sociedade evolui, mas têm dificuldade para resolver problemas como preconceitos, discriminação, classes sociais, etc. e que a escola pode contribuir para mudar essa realidade.

Neste trabalho a reflexão é feita a partir do segundo filme denominado de “Ao Mestre Com Carinho 2”, em que mostra o professor no final de carreira, por já estar aposentado, mas que aceita o desafio de trabalhar com uma turma de alunos considerada muito difícil, mesmo sabendo que vários docentes abandonaram àquela sala de aula, por não conseguir atingir seus objetivos educacionais.

Assim, o presente trabalho busca, a partir de uma obra de ficção, discutir sobre temas que perpassam o meio escolar, como as dimensões da vida pessoal e profissional de quem atua na área da educação e a problemática social vivenciada pelos alunos, partindo do princípio de que as relações estabelecidas no contexto escolar refletem as questões sociais, mas que podem contribuir para transformar a vida dos sujeitos que fazem parte desse processo.

Para atender a este propósito, o trabalho encontra-se assim organizado: primeiramente serão apresentadas algumas idéias relevantes sobre o filme, em seguida a

reflexão baseia-se na pessoa do professor buscando estabelecer relações entre os aspectos da sua vida pessoal e profissional, para finalmente comentar sobre a problemática vivenciada pelos alunos e como a escola pode contribuir para que façam novas escolhas, evitando reproduzir o que aparentemente estava determinado pela sociedade.

Reflexões sobre o filme “Ao Mestre Com Carinho II”

O filme “Ao Mestre Com Carinho 2”, dirigido por Peter Bogdanovich, tem como ator principal, no papel de professor, Sidney Poitier que na década de 1970 entrou para a história do cinema como sendo o primeiro ator negro a ganhar um Oscar. Ele começou sua carreira muito cedo e como foi vítima de preconceito racial procurou trabalhar essas temáticas através dos diversos papéis representados no teatro e no cinema.

Em 1966 Sidney Poitier protagonizou o professor Mark Thackeray no filme “Ao Mestre Com Carinho”, tornando-se um clássico do cinema mundial. Para muitos críticos, a obra foi o primeiro que abordou situações problemáticas de sala de aula, abrindo caminho para que vários outros abordassem situações semelhantes.

Três décadas depois, no ano de 1996 foi lançado o filme “Ao Mestre Com Carinho 2”, sendo que alguns dos atores da primeira versão participaram do início do segundo filme estabelecendo relações entre as duas histórias, sendo que na primeira o professor é iniciante e se depara com os desafios da profissão docente em turmas consideradas difíceis de se trabalhar e na segunda, estando já aposentado, encara um novo desafio, ao atuar em outro país, em contextos também considerados muito difíceis para qualquer profissional da educação.

Nessa versão, o Professor Thackeray, recebe uma homenagem da escola em que atuou por trinta anos em Londres e informa que irá para Chicado, onde continuará lecionando em uma escola de periferia. A motivação que o leva a um lugar distante é a busca por um amor do passado e no decorrer da história ele acaba encontrando esta pessoa e descobrindo que já tinha um filho adulto e que antes nem imaginava que existia.

A questão profissional, no entanto, não foi tão simples, visto que o colégio em que ia lecionar tinha condições muito precárias e que já na sua chegada foi convidado a ajudar a pintar as paredes da escola. Quanto a organização das turmas a principal diretriz era dividir os alunos de acordo com o nível de conhecimento, sendo a turma “A” considerada

forte e turma “H” considerada baixíssima. Esta última era formada por alunos que sofriam algum tipo de exclusão social e foi exatamente nesta que o professor assumiu a disciplina de História, porque vários docentes haviam deixado de dar aulas para esses alunos.

Contra a vontade da direção, que acreditava que o Professor Thackeray não tinha experiência suficiente para atuar com aquele tipo de situação, mas também sem ter outra opção, o professor assume este desafio de ensinar alunos desmotivados e de comportamento difícil para se trabalhar.

Logo no início precisou impor sua postura de autoridade e exigir o respeito daqueles adolescentes que levavam tudo na brincadeira e não se interessavam pelos estudos, pois sabiam que a sociedade não lhes reservava grandes expectativas, porque pertenciam à turma “H” do colégio. O professor por sua vez, se impôs, exigindo respeito mostrando que na sala de aula ele é quem tinha autoridade para conduzir as atividades educativas.

Não foi fácil o período inicial, mas no decorrer dos dias, o professor de História, enquanto trabalhava os conteúdos curriculares, começou a se interar da realidade dos alunos e nesse processo levou-os a refletir sobre a própria história. Alguns não levaram a sério essas discussões, outros já passaram a relacionar com suas vidas e perceber que não estava fazendo as melhores escolhas.

Um dos momentos marcantes do filme, diz respeito à metodologia prática utilizada pelo professor para ensinar aos alunos algumas noções de vida em sociedade. Após uma discussão realizada em sala de aula sobre as diversas formas de preconceito pelas quais eles vivenciavam, o professor levou-os a uma rua movimentada para mostrar-lhes na prática como as pessoas reagem de acordo com a postura em que cada um se apresenta. Ele pretendia ensinar que, apesar de a sociedade possuir diversos problemas sociais, em muitas situações a maneira como as pessoas reagem está muito relacionada com a postura de cada um e não com a cor da pele ou devido a outras formas de preconceito. Ou seja, ele ensina que a pessoa incorporava e reforçava este tipo de atitude preconceituosa, mas que era possível agir de maneira diferente sendo eles mesmos os grandes beneficiados com essa nova forma de agir.

No decorrer da trama, o professor Thackeray se envolve cada vez mais com a vida pessoal dos alunos, procura encaminhá-los para o mercado de trabalho, mas ao mesmo tempo passa a ter problemas por assumir o compromisso com um aluno que portava uma

arma. Para evitar um problema maior, o professor recolheu a arma, entregou à polícia sem dizer que havia pego de um aluno. Por causa desse situação, e como o diretor da escola entendia que ele não queria colaborar com a polícia, ele foi demitido para revolta dos estudantes.

Ao final do filme o caso foi solucionado, os alunos que não aceitavam o professor substituto, passaram a assumir a postura denominada por eles de “resistência passiva”, até que o diretor teve que se render e chamar o professor Thackeray de volta. A história termina com a formatura dos alunos da turma “H”, sendo que muitos deles iriam ingressar na faculdade e outros estavam atuando no mercado de trabalho.

Com isso o filme evidencia que muito mais que ensinar conteúdos curriculares, a escola deve também formar para a vida em sociedade, por ser no contexto social que cada um vai viver as diversas experiências relativas à sua vida pessoal e profissional. Inclusive o próprio professor faz parte desse processo e sua vida é também marcada por fatores de origem social, conforme a abordagem apresentada na sequência.

Profissão docente: dimensão humana x profissionalismo

Para refletir sobre a profissão docente, a partir do filme “Ao Mestre Com Carinho 2”, é importante considerar as dimensões da vida pessoal e profissional de quem atua na área da educação. Em geral, se desconsidera o aspecto pessoal do professor, como se o que ocorre em sua vida não fosse interferir na sua profissão. Não é bem assim que acontece, visto que não é possível separar essas duas situações da vida humana que estão inter-relacionadas.

No caso do filme, o professor só vai para aquela cidade em busca de um amor do passado e ao começar a se aproximar dos alunos através da reflexão sobre suas histórias de vida, ele demonstra inicialmente uma postura firme, de quem tem autoridade, para conseguir impor o respeito. Nesse contexto ele nada menciona sobre sua vida pessoal, mas a partir do momento em que já havia uma aproximação entre ele e os alunos, e esses últimos lhe questionam sobre sua história, ele se abre, mostrando que também tem seus problemas, seus sonhos e desejos e que tudo isso interfere na sua vida de professor.

Alguns estudos, especialmente de Nóvoa (1995), buscam analisar essa temática relativa à vida de professor, por entender que durante muitos anos ela foi desconsiderada

no âmbito da investigação educacional. O autor destaca que não é possível separar o ‘eu pessoal’ do ‘eu profissional’, especialmente numa profissão fortemente marcada por valores e ideais, além da grande exigência relativa às relações humanas.

Nesse sentido Nias (1991, p. 29) afirma que “O professor é a pessoa; e uma parte importante da pessoa é o professor”. Também Mosquera e Stobäus (2002) buscam analisar esta problemática, por entender que o professor é primeiramente um ser humano e não uma máquina, é alguém que possui sentimentos e não consegue separar aspectos da sua vida pessoal, mesmo estando em sala de aula. Os autores questionam: “[...] nos perguntamos como seria possível deixar de lado a dimensão pessoal e tentar agir unicamente com o lado profissional.” (p.93) É muito comum haver a exigência para que o professor seja sobre-humano, no sentido de ignorar os seus problemas para que não atrapalhe no seu desempenho profissional, como se isso fosse possível. Mosquera e Stobäus (2002, p. 93) alertam que “[...] não somos pessoas divididas e é extremamente difícil entrar em ambientes realizando este tipo de separação, já que a pessoa é uma, única, apesar de que possa ter diferentes facetas ou dimensões.” (p. 93).

O fato de considerar o aspecto pessoal da vida do professor, não desmerece ou desvaloriza o seu lado profissional. Muito pelo contrário, trata-se de alguém que tem a formação para atuar na sua área de conhecimento e, portanto encontra-se preparado para assumir sua profissão, devendo ser respeitado por seus alunos e pela sociedade.

Esse é um aspecto que também foi mudando ao longo do tempo, uma vez que no período em que predominava a tendência pedagógica conhecida como Escola Tradicional (LIBÂNEO, 1990), o professor era visto como detentor do saber e tinha o respeito de seus alunos. Com o tempo, a escola foi adotando outras posturas ao perceber que era necessário considerar os conhecimentos que os alunos já possuíam e assim passou-se a perceber que numa sala de aula existem trocas de conhecimentos e que todos ensinam e aprendem, conforme relata Paulo Freire (1999, p.25) em sua célebre frase: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Isso não significa, no entanto, que é preciso haver desrespeito em relação à figura do professor, embora tenha sido isto que aconteceu com o passar do tempo. Com a maior proximidade na relação entre professor e alunos, algumas confusões relativas ao papel que cada um deve desempenhar em sala de aula foram tornando-se cada vez mais frequentes. Da mesma forma que aconteceu no filme “Ao Mestre Com Carinho 2”, é comum os alunos

tentar manipular o professor de acordo com os seus próprios interesses, ou tentar instigar para ver até que ponto o docente tem controle da situação, ou o chamado manejo de sala de aula (WRAGG, 1997).

O que em geral os alunos desconsideram é que o professor é um profissional que se qualificou para desempenhar aquela função e é quem tem maiores condições para tomar as principais decisões relativas ao processo de ensino. É claro que é importante considerar a opinião dos alunos, especialmente num ambiente em que predomine o respeito, mas o que não pode acontecer é de o professor não ter o controle da situação, a ponto de ter que abandonar a sala de aula, conforme aconteceu com vários docentes do filme.

Trata-se na verdade da autoridade demonstrada pelo professor Mark Thackeray e que deve ser valorizada por todos os envolvidos no processo educativo. Muitas vezes não se atribui o devido valor a esse conceito por confundir com autoritarismo. Nesse sentido Arendt (2007, p. 129) destaca que:

Como a autoridade sempre exige obediência, ela é comumente confundida com alguma forma de poder ou violência. Contudo, a autoridade exclui a utilização dos meios externos de coerção; onde a força é usada, a autoridade em si mesmo fracassou. A autoridade, ao outro lado, é incompatível com a persuasão, a qual pressupõe igualdade e opera mediante um processo de argumentação. Onde se utilizam argumentos, a autoridade é colocada em suspenso. Contra a ordem igualitária da persuasão, ergue-se a ordem autoritária que é sempre hierárquica. Se a autoridade deve ser definida de alguma forma, deve sê-lo então, tanto em contraposição à coerção pela força, como a persuasão através de argumentos.

Baseando-se nesta definição, podemos afirmar que foi exatamente assim que o professor agiu, uma vez que em nenhum momento teve alguma reação violenta, pelo contrário, ele agia de forma a impedir atitudes violentas entre os alunos. Ao organizar o espaço educativo para que fosse propício ao processo de ensino e aprendizagem, o professor utilizava postura corporal firme, tom de voz forte e seguro, argumentos contundentes, demonstrando o tempo todo que sabia o que estava fazendo e que aquela atitude era a mais adequada de acordo com aquela realidade.

Também a partir do filme, podemos refletir sobre a função do professor na escola. Ao chegar o mestre teve que até pintar as paredes e procurou estreitar relações entre a vida pessoal de seus alunos procurando direcioná-los para um estilo de vida que fosse mais

adequado para eles. Mas até que ponto o professor deve ter esse tipo de atitude? E qual é a função do professor numa sala de aula?

É difícil responder a essas indagações porque são vários fatores a serem considerados. A verdade é que ultimamente tem se ampliado muito as funções que devem ser desempenhadas docentes em sala de aula e a postura de ‘fazer de tudo um pouco’ deve ser melhor analisada para evitar que, ao invés de ensinar, o professor tenha que desempenhar outras funções que caberiam a outros tipos de profissionais, como assistente social, psicólogo, médico, sem contar o papel social da família no processo de educação dos filhos.

É claro que em situações como as retratadas pelo filme “Ao Mestre Com Carinho 2” é difícil de os professores não assumirem outras atribuições que não caberiam a eles, uma vez que não existem outras condições nem profissionais colaborando no contexto educativo, cabendo ao educador acumular várias funções. Cabe ressaltar, porém, que devido a complexidade que cada vez mais predomina nas salas de aulas, é necessário que, ao professor, sejam priorizadas as funções relativas ao ensino e aprendizagem dos alunos, para que outros seguimentos da sociedade assumam as funções relacionadas a assistência, saúde, etc. Quem sabe dessa forma, a escola se comprometa mais com a transmissão e construção do conhecimento, resultando em melhores níveis de qualidade do ensino no Brasil.

A problemática vivida pelos alunos: preconceito e exclusão social

Outra situação abordada pelo filme refere-se a questão do preconceito vivenciado pelos alunos que estudavam na turma “H”. Além desse preconceito inerente ao ato de estudar na “turma mais fraca” eles sofriam outros maiores relacionados à cor, gênero, condições socioeconômicas, etc. Todos tinham alguma situação específica que justificava a ter permanecido naquela turma.

O problema é que além da sociedade, eles mesmos reforçavam essa atitude preconceituosa, agravando ainda mais o problema. O fato é que, de acordo com Allport (1946) e de Adorno *et al.* (1965), citados por Crqchík (1996), o preconceito não é inato, surge na infância e vai sendo internalizado, passando a ser visto como algo natural com o

passar do tempo. Trata-se de um fator social, que faz parte de uma determinada cultura e vai sendo passado de geração em geração.

Apesar de reconhecer que o preconceito é um fator social, Crqchík (1996) afirma que gradativamente passou a ter um cunho individual. Ele considera que:

É importante darmos ênfase a essa transformação, tendo em vista que o preconceito nos nossos dias é de forma geral percebido como um fenômeno individual, Isto é, busca-se menos entender as determinações sociais na sua constituição do que prejudicar o preconceituoso e assim repetir o mesmo procedimento que é criticado. Mas, ao dizer isso, não se quer eliminar a importância dos estudos que mostrem o fenômeno de seu lado individual, desde que não o vejam desarticulado de sua mediação social. (p.55)

Ou seja, existe uma cultura que transmite determinados tipos de preconceito e a pessoa vai formando a sua visão de mundo de acordo com o que assimilou através da relação com seus pares. Porém, a cobrança passou a ser individual, como se fosse apenas responsabilidade da pessoa ter aquele tipo de opinião ou atitude, desconsiderando os fatores que contribuíram para que este ser humano se tornasse preconceituoso.

O autor, porém relata, que isto não desconsidera o fator pessoal, uma vez que embora fazendo parte de determinada cultura, o ser humano é considerado sujeito ativo de todo o processo, por internalizar os valores presentes em determinada cultura de uma forma particular, podendo acatar ou não o que está sendo posto como normal. Ou seja, embora muitas pessoas façam parte de um determinado contexto histórico e social que possuem determinados valores, crenças e preconceitos, não podemos afirmar que todas as pessoas que compõe este grupo social vão ser igualmente preconceituosas. Depende muito de como cada uma interpreta e assimila esta realidade.

No caso da escola, Lopes (2002) destaca que a discriminação tem sido promovida e reforçada na educação escolar de diversas formas e que as condições pelas quais muitos governos vêm dando à escola pública são alguns fatores que fazem com que o próprio educador acabe, sem perceber, reproduzindo e reforçando a discriminação e o preconceito. Não foi dessa forma que aconteceu no filme “Ao Mestre Com Carinho 2”, especialmente porque o professor Thackeray era negro. Ele, ao contrário, estimulava os alunos a refletir sobre essas questões, para que não fossem direcionados pelos estigmas presentes na sociedade, mas que pudessem ir além, buscando amenizar as atitudes preconceituosas.

Foi o que aconteceu, por exemplo, no momento em que os alunos estavam se fazendo de vítima por se sentirem excluídos da sociedade, o professor leva à turma a uma rua movimentada para mostrar que as outras pessoas reagem de acordo com a postura em que cada um se apresenta. Nesta cena do filme, em que os alunos que eram negros acreditavam que não seriam bem aceitos pela sociedade, o professor Thackeray chamou primeiramente um aluno branco pra conversar com uma pessoa que tentava atravessar a rua. A forma como o aluno se apresentou, a linguagem utilizada e a própria postura corporal fez com que a mulher ficasse com medo e fugisse.

Em seguida o professor chamou um aluno negro e orientou como deveria se aproximar das pessoas, primeiramente se apresentando dizendo o próprio nome e pedindo um favor relacionado a determinado tipo de informação. O aluno negro, ao contrário do aluno branco, foi muito bem sucedido e por fim a cena mostrava todos os alunos negros da turma interagindo com pessoas da sociedade, buscando informações ou sendo os informantes a outras pessoas.

Através desta experiência o professor quis mostrar que a forma como cada um age vai resultar em algum tipo de consequência: se a atitude for positiva ou considerada educada, vai provocar reação positiva e se for atitude entendida como agressiva, vai provocar este mesmo tipo de reação nas outras pessoas.

Para os alunos do filme foi um grande aprendizado que levaram para a vida e tal conhecimento serve de referência também a todos os que se interessam e aprimorar o seu estilo de convivência social. Isto porque o ser humano não nasce sabendo a conviver em sociedade, ele aprende de acordo com o que lhe foi ensinado no decorrer do seu desenvolvimento e essas características não estão prontas e acabadas, mas devem ser sempre aprimoradas, inclusive por quem trabalha na área da Educação.

Considerações finais

Diante das reflexões feitas a partir do drama apresentado pelo filme “Ao Mestre Com Carinho 2”, podemos perceber que muito mais do que reproduzir o que está presente na sociedade, a escola pode contribuir para transformar esta realidade. E essa transformação influencia todos os sujeitos do processo educativo, sejam eles professores ou alunos.

No caso do professor, podemos afirmar que a dimensão da sua vida pessoal fez com que fosse ministrar aula naquela escola da periferia de Chicago, mesmo estando já aposentado. Ele não tinha necessidade de assumir esse desafio, mas o acúmulo de conhecimento construído ao longo de 30 anos de magistério também não deveria ficar desperdiçado. Talvez a sua vida seria até monótona se ficasse afastado da escola e sem contato com alunos.

Assim, a transformação na vida do professor Thackeray se deu em âmbito pessoal, por descobrir que tinha um filho, e profissional, por ter a certeza de que consegue vencer grandes desafios na área da educação e ainda influenciar positivamente a vida de seus alunos. A sensação de que exerce um papel importante na sociedade e de que seu trabalho pode contribuir com a transformação social deve ser muito intensa.

No caso dos alunos a mudança em suas vidas foi explícita. Em determinado momento do filme o professor dizia ao diretor do colégio: “Estou tentando abrir a mente deles para que vejam o mundo de outra forma”. Para aqueles alunos a nova maneira de encarar o mundo fez com que eles finalmente terminassem o curso, deixando de pertencer à turma “H” não somente na escola, mas também num contexto social mais amplo.

Relacionando este fato com a nossa realidade, podemos afirmar que apesar de todos os problemas existentes na área da educação, especialmente no Brasil, a escola assume um papel fundamental para a maioria da população, principalmente para aqueles que encontram-se em situação socioeconômica desfavorecida.

A escola não é o único mecanismo de transformação, conforme Freire (1999), mas sem ela realmente não tem como a sociedade e toda a população evoluir. Por isso, é necessário que haja mais investimentos na área da educação para que de fato a escola possa cada vez mais contribuir com a transformação do contexto social.

Referências

ARENDDT, A. Que é Autoridade? In.: ARENDT, A. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo, Perspectiva, 2007. p. 127-187.

CROCHÍK, J. L. Preconceito, indivíduo e sociedade. **Temas em psicologia**. Sociedade Brasileira de Psicologia, n. 3, Ribeirão Preto, SP, 1996, p. 47-70.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da Escola Pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1990.

LOPES, J. S. M. Diversidade Etnocultural na Escola. **Jornal a Página da Educação**, v.11, n.118, p.10, dez. 2002.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. O professor, personalidade saudável e relações interpessoais: por uma educação da afetividade. In.: ENRICONE, D. (Org.). **Ser professor**. 3ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 91-107.

NIAS, J. Changing Times, Changing Identities: Grieving for a Lost Self. In.: BERGESS, E. **Educational Research and Evaluation**. London: The Falmer Press, 1991.

NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 40. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

WRAGG, E.C. **Manejo em sala de aula**. Porto Alegre: ArtMed, 1997.